

O TERMO *VERSTEHEN* COMO RELAÇÃO ENTRE PSICOLOGIA E TEORIA DO CONHECIMENTO NA OBRA *IDEIAS* DE WILHELM DILTHEY

[THE TERM *VERSTEHEN* AS A RELATIONSHIP BETWEEN PSYCHOLOGY AND THEORY OF KNOWLEDGE IN THE WORK *IDEAS* BY WILHELM DILTHEY]

Vinicius Aredes Barbosa *

Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, Brasil

RESUMO: O termo *Verstehen*, durante os séculos XIX e XX, foi amplamente utilizado em correntes filosóficas como a hermenêutica, a histórica e a fenomenológica. Ainda hoje sua conceituação é discutida e aplicada no contexto científico de áreas como a psicologia, filosofia, direito e outras mais. Tal fato evidencia sua relevância e aponta para a necessidade de sua contínua investigação. Assim, o objetivo do presente trabalho é discorrer acerca das implicações de *Verstehen* na obra *Ideias sobre uma psicologia descritiva e analítica*, 1894, de Wilhelm Dilthey quanto a relação entre Psicologia e Teoria do Conhecimento. Sabe-se que autor está na base do pensamento das ciências sociais que se desenvolveram no século XX e que tal conceito esteve presente em todo seu constructo teórico. Porém, é no empreendimento de sua psicologia descritiva que se inicia a elucidação de forma mais clara dos intentos epistemológicos e metodológicos que o conceito se encarregava na obra geral de Dilthey. Desta forma, para a devida compreensão, pretende-se apresentar as questões que o filósofo estava posto; elucidar o desenvolvimento do conceito na obra geral do autor; e discorrer acerca das implicações do termo diante do objetivo

ABSTRACT: The term *Verstehen*, during the 19th and 20th centuries, was widely used in philosophical currents such as hermeneutics, history and phenomenology. Even today, its conceptualization is discussed and applied in the scientific context of areas such as psychology, philosophy, law and others. This fact highlights its relevance and points to the need for continued investigation. Thus, the objective of the present work is to discuss the implications of *Verstehen* in the work *Ideas on a descriptive and analytical psychology*, 1894, by Wilhelm Dilthey regarding the relationship between Psychology and Theory of Knowledge. It is known that the author is at the basis of the thinking of the social sciences that developed in the 20th century and that this concept was present throughout his theoretical construct. However, it is in the undertaking of his descriptive psychology that a clearer elucidation of the epistemological and methodological intentions that the concept was responsible for in Dilthey's general work begins. In this way, for proper understanding, we intend to present the questions that the philosopher was asking; elucidate the development of the concept in the author's general work; and discuss the implications of the term in relation to the objective of

* Mestre em Filosofia pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP) com bolsa Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico - CNPq. Graduado em Psicologia pela Universidade Presbiteriana Mackenzie (UPM) com bolsa ProUni. E-mail: psi.viniciusbarbosa@gmail.com

das ciências do espírito e na defesa de sua atual pertinência no cenário social e científico.

PALAVRAS-CHAVE: Dilthey; Psicologia; Teoria do Conhecimento; Verstehen

the sciences of the spirit and in defense of its current relevance in the social and scientific scenario.

KEYWORDS: Dilthey; Psychology; Theory of Knowledge; Verstehen

INTRODUÇÃO¹

Wilhelm Christian Ludwig Dilthey (1833-1911, natural da cidade de Wißbaden, Alemanha, representa um importante papel no meio da discussão científica. O filósofo está posto em um período fértil e complexo do pensamento ocidental. Após a virada kantiana do século XVIII, as noções de conhecimento e ciência passam por mudanças radicais e com implicações que culminam em reformulações basilares no debate acadêmico. Ele não se ausenta destas discussões, antes, propõe reflexões fundamentais com desdobramentos que ecoam por todo século XX até os dias atuais.

Entretanto, o pensamento diltheyano, desde o início de sua difusão, foi criticado por acusações que lhe atribuíam, principalmente, uma descontinuidade prejudicial ao todo de sua obra e um caráter fragmentado de suas produções. Isto, em consequência, afetou-o diretamente com dificuldades em sua propagação e valorização tanto na Europa, quanto em outras regiões do mundo². Tais apontamentos, geralmente, referem-se ao período pós 1900, conhecida como a virada hermenêutica, que seria julgada como uma ruptura do trabalho do autor, e ao fato de que o segundo volume de sua principal obra, *Introdução às Ciências do Espírito*³, 1883, [*Einleitung in die Geisteswissenschaften*] não foi concluído.

Em contrapartida, estudiosos contemporâneos, como Rudolf Makkreel, Eric Nelson, Frederick C. Beiser, Frithjof Rodi, dentre outros, defendem a tese de uma continuidade sistemática que se contrapõe a estes argumentos depreciativos que tentam desqualificar as ideias diltheyanas. A defesa se estrutura na alegação de que seu objetivo inicial, de uma Crítica da Razão Histórica, permanece durante toda sua obra e de que há mais um desenvolvimento e amadurecimento de ideias do que, em si, uma descontinuidade ou um abandono de posicionamento. Tal ponto fortalece a necessidade de novas investigações e trabalhos que permitam explorar as potencialidades e contribuições que as reflexões de Dilthey ainda podem contribuir para ciência e sociedade.

Dito isto, o presente trabalho tem a proposta de se aprofundar justamente no período anterior a virada hermenêutica. Especificamente, com foco na inicial distinção metodológica entre *compreender* e *explicar*, que tem seus respectivos termos originais em *Verstehen* e *Erklären*. O objetivo central consiste em obter uma apresentação da função e significado que *Verstehen* exerce nesta fase do constructo diltheyano. Com isso, pretende-se entender os pressupostos assumidos por Dilthey, com vistas ao contexto das discussões em que estava inserido, identificar o papel que *Verstehen* ocupa na obra do autor e refletir acerca das implicações que este conceito acarreta ao cenário científico. Afinal, é a partir do conceito de *compreensão* [*Verstehen*] que se expressa a passagem para a virada hermenêutica. Desta forma, a prerrogativa da investigação do termo neste período se dá na necessidade de seu aprofundamento para a devida assimilação do argumento de seu caráter contínuo. E, a partir disso, evidenciar a defesa da atual relevância que ainda sustentam suas reflexões acerca de uma antropologia de um sujeito real e uma metodologia científica que abarque sua integralidade.

Para isso, delimitou-se a investigação à obra *Ideias sobre uma psicologia descritiva e analítica*⁴, de 1894 [*Ideen über eine beschreibende und zergliedernde Psychologie*]. Momento, este, que é caracterizado por Makkreel como a segunda fase do pensamento do filósofo⁵, cujo um de seus enfoques está na distinção entre *explicar* e

compreender.

Esta segunda fase do pensamento de Dilthey é caracterizada por uma ênfase na realidade da experiência vivida [*Erlebnis*] e na compreensão [*Verstehen*] imediata da vida humana que esta torna possível. É nas “*Ideias para uma Psicologia Descritiva e Analítica*” de 1894 que Dilthey elabora a sua distinção explicação-compreensão (2021).

A psicologia para Dilthey ocupou um espaço de extrema importância. Durante todo seu trabalho, desde a *Einleitung* até suas últimas obras⁶, a reflexão acerca desta ciência esteve presente, mesmo que, em determinados períodos, com ênfases diferentes. Discussões como sua função em torno da epistemologia e metodologia, como a fundamentação das ciências do espírito, e seu papel junto a termos essenciais para filosofia do autor, como *vida* [*Leben*], *vivência* [*Erlebnis*] e *compreensão* [*Verstehen*], conferem à psicologia um status de centralidade no pensamento diltheyano.

Entretanto, para além destes pontos, o aspecto que deve ser ressaltado, que contribui para explicitar este posicionamento, é o cenário que o filósofo estava inserido. O século XIX foi marcado por diversos embates no meio acadêmico que discorrem em torno da psicologia, sua legitimidade e seu papel no conhecimento científico. Com a virada kantiana, as reconfigurações teóricas tiveram como foco o conhecimento e a forma como tal era apreendido, portanto, em certo sentido, a psicologia – ou melhor, a relação entre psicologia e teoria do conhecimento.

A partir deste fato, é possível mencionar diversas linhas de discussões que se desenvolveram no decorrer do século. No entanto, para o cumprimento do objetivo do trabalho e o tratamento adequado do tema, entende-se que a consideração guiada pela argumentação de Dilthey acerca do desenvolvimento da psicologia no séc XIX contextualiza de forma suficiente os termos do debate e concede uma perspectiva consistente para apresentação das implicações de *Verstehen*.

O TERMO *VERSTEHEN*

O termo *Verstehen* é uma palavra-chave na filosofia germânica. Em português, pode ser traduzida por entender ou compreender, sendo a última, a mais utilizada nas obras nacionais. Em inglês, é traduzido simplesmente como *understanding*. Entretanto, para ser mais específico com o conceito, alguns comentadores, como Makkreel, Beiser e Eric Nelson, utilizam, por vezes, palavras de apoio, como *historical understanding*, *immediate understanding*, *method of understanding*, entre outras. Na presente pesquisa, tem-se utilizado o termo compreender e compreensão.

O tópico que deve ser ressaltado é que, durante um período de sua carreira, Dilthey focou no desenvolvimento deste termo. Na verdade, o objetivo era aprofundar a distinção metodológica entre ciências do espírito e ciências naturais, sendo o *Verstehen* fundamental para esta distinção. Makkreel (2021) divide a vida acadêmica do filósofo em três fases e comenta que este momento de dedicação à metodologia se configura na segunda fase. Diante de todos os escritos neste interim, o comentador destaca dois com maior relevância: *Contribuições para a solução da questão da origem de nossa crença na realidade do mundo exterior e da razão de ser dessa crença, 1890*, e *Ideias sobre uma psicologia descritiva e analítica, 1894*. Na obra *Ideias*, estão contidas, de maneira mais aprofundada, as especificações metodológicas para a ciência basilar das ciências do espírito – a psicologia –.

Entretanto, não há um capítulo especial ou uma grande parte dedicada ao aprofundamento do método da compreensão. A dissertação de Dilthey se aproxima mais de uma aplicação do conceito no proceder metodológico de sua ideia de psicologia. Assim, a missão deste trabalho é evidenciar as implicações que este termo exerce tanto na obra do autor quanto no cenário do debate científico.

Vale mencionar que, neste período, e principalmente após *Ideias*, houve alguns intercursos entre Dilthey e outros teóricos, como é o caso da Escola de Baden, com Wilhelm Windelband (1848-1915) e Heinrich Rickert (1863-1936), e com Hermann Ebbinghaus (1850-1909). Tais debates entre estes autores ocupam o palco de temáticas como aquerelaem torno ao psicologismo, a *Methodenstreit*, boa parte da empreitada do historicismo na segunda metade do século XIX⁷, e os desenvolvimentos da filosofia e ciências na contemporaneidade. Além disso, essas controvérsias tiveram ecos em diversos autores do século XX⁸.

Um dos fatores de relevância da discussão com a Escola de Baden, por exemplo, é que as diferenças entre os teóricos ilustram a problemática do posicionamento de Dilthey. A saber, o estabelecimento da psicologia como ciência fundante do conhecimento – fator, este, que expressa a motivação central da obra *Ideias*⁹ –.

Já a crítica de Ebbinghaus, um proeminente psicólogo experimentalista, focaliza na validade do proceder metodológico da psicologia descritiva e analítica. Em síntese, ele defendia que a psicologia era uma ciência natural e alegava que Dilthey fracassou no seu ideal de psicologia ao tentar elaborar uma proposta que, em seu entendimento, seria isenta hipóteses. Este ponto foi tão relevante para o filósofo que, em seguida ao ataque, escreve o texto *Contribuições para o Estudo da Individualidade*, em 1895, disposto a responder às críticas de Ebbinghaus à obra *Ideias*. Em verdade, Dilthey interrompe a discussão com os Neokantianos para solucionar esta questão com os psicólogos experimentalistas. Como Makkreel, concordando com Misch, assevera:

Dilthey aparentemente sentiu que antes de levantar problemas adicionais sobre a natureza da psicologia comparada, seria melhor esclarecer a maneira particular pela qual a sua psicologia descritiva difere da psicologia naturalisticamente concebida pelos experimentalistas. Além disso, como sugeriu Misch, Dilthey não quis aprofundar as suas divergências com os neokantianos numa altura em que surgiram conflitos ainda mais sérios com psicólogos profissionais (1992, p.207; tradução nossa).

O que pode ser ressaltado disto é que este período do desenvolvimento da teoria diltheyana proporcionou dinâmicas importantes para o saber científico. O termo compreensão adquire papel basilar para diferenciação das ciências do espírito e inicia um grande legado do autor como influência para outros pensadores na contínua exploração de suas implicações ao conhecimento.

O DESENVOLVIMENTO DO CONCEITO

O conceito de compreensão apresenta um desenvolvimento complexo na teoria de Dilthey, o que, por sua vez, dificulta sua abordagem e até mesmo sua precisão, dependendo do período em que é considerado. Entretanto, isso não o torna menos importante; ao contrário, o desenvolvimento desse conceito ao longo da vida do autor culmina no cerne do constructo teórico, tornando-se peça-chave para a execução do objetivo de fundamentação das ciências do espírito. Este movimento tem valor ambíguo conforme a perspectiva assumida: por um lado, é possível inferir que é justamente este processo de maturação do conceito que confere a Dilthey a crítica de descontinuidade de sua obra. Além disso, há uma certa confusão feita com o significado do termo posteriormente ao autor (Beiser, 2011)¹⁰. Por outro, autores como Makkreel, Beiser, Rodi, entre outros, defendem a tese de um aprimoramento da teoria e do termo, contrapondo-se a esse argumento de um caráter fragmentário no raciocínio do filósofo.

O ponto é que realmente há modificações nas ênfases e aplicações da interpretação do conceito de *Verstehen* na passagem da segunda para a terceira fase do autor. Este movimento foi chamado de virada hermenêutica, que acontece em 1900 e se estendeu até 1911, com a morte de Dilthey. Neste período, há um enfoque bem

específico no conceito de compreensão sob uma perspectiva hermenêutica. Contudo, é equivocado alegar que a hermenêutica surge nas obras do autor somente após 1900. Principalmente, no que diz respeito ao conceito em questão, o viés hermenêutico está presente já na primeira fase do filósofo, como comenta Beiser:

A inspiração para a teoria da compreensão de Dilthey foi Schleiermacher, que usou a palavra “Verstehen” num sentido semelhante nas suas palestras sobre hermenêutica. Um dos projetos de vida de Dilthey foi a vida de Schleiermacher, que ele nunca concluiu; mas foi a partir do seu trabalho sobre Schleiermacher que ele aprendeu o significado geral da hermenêutica. Foi Schleiermacher quem o convenceu de que as ciências humanas poderiam ter sua própria metodologia característica para a compreensão da vida e da ação humanas, independente das ciências naturais [...] Dilthey reconheceu a importância da hermenêutica para a compreensão da vida e da ação humanas já na década de 1860. (Ibid., p.348; tradução nossa).

Antes mesmo de *Einleitung*, naquilo que podemos identificar como a primeira fase do autor, a hermenêutica já estava presente nas intenções da formulação das ciências do espírito. O grande avanço de Dilthey foi transferir essa hermenêutica para a interpretação da vida e da história humana. Ou seja, tal ciência não estaria mais restrita à interpretação de textos, mas sua metodologia seria ampliada para a experiência humana – especificamente, para as experiências internas –. Neste âmbito, então, ocorre a compreensão em sua primeira noção.

Sabe-se que em *Einleitung* nem a hermenêutica e nem a compreensão desempenham um papel muito evidente na apresentação da obra. No entanto, a própria metodologia da psicologia como ciência fundamental já expressava a dinâmica hermenêutica da compreensão na relação parte-todo da tensão entre o geral e o particular.

A partir disso, nos escritos subsequentes e, principalmente, na década de 1890, a compreensão assume papel crucial na metodologia das ciências do espírito. Por exemplo, nos textos de *Elaboração de Breslau*, torna-se necessária no desenrolar do princípio da totalidade da vida psíquica, juntamente com a autorreflexão (Ibid.). Nesta fase do desenvolvimento de Dilthey, a compreensão toma tamanha relevância que é posta como o próprio método da psicologia descritiva e analítica, em contraposição à explicação das ciências da natureza. Como nas palavras do autor: “Nós explicamos a natureza, enquanto compreendemos a vida psíquica” (Dilthey, 2011, p. 29).

Makkreel (2021) intitula este período da compreensão como *Understanding as a Structural Articulation*. Um nome que exprime a característica central e única da teoria do autor na época – a saber, a vida psíquica –. O compreender se constitui sob o pressuposto de uma totalidade da vida psíquica que conduz a uma estrutura articulada por nexos na experiência humana – nos fatos da consciência –. A razão de ser deste princípio está implícita na oposição à produção de uma realidade mutilada e a um indivíduo reduzido ao aspecto de seu intelecto. Ou seja, o ataque de Dilthey ao método explicativo-causal das ciências naturais está expressamente presente no conceito de compreensão.

É tarefa da psicologia descritiva e analítica explicar como diferentes processos convergem nonexo da consciência. Este nexoe vivido e deve ser distinguido do nexopsíquico adquirido global discutido anteriormente. O nexovivido está disponível para a consciência reflexiva e pode ser descrito como um processo contínuo. A análise mostra então que este processo tem uma estrutura transversal bastante uniforme. [...] Se fôssemos seres meramente representacionais, as condições da vida psíquica seriam meramente causais. Mas ao mesmo tempo estimamos o valor daquilo que representamos através do sentimento. (Makkreel, 2021; tradução nossa)

Por conseguinte, entende-se que a psicologia descritiva e analítica tem como tarefa principal a compreensão desses nexos que são dados na unicidade das vivências. A estrutura pressuposta por Dilthey se expressa, então, em uma noção de experiência que pretende abranger a totalidade da vida histórica humana. Isto é, não se trata apenas de representações em uma relação constante de causalidade do indivíduo com o mundo, mas sim de uma ação volitiva em nexos com sentimentos, pensamentos, historicidade e até mesmo representações. Portanto, a compreensão é o método dentro dessa estrutura psíquica que evidencia um indivíduo histórico em uma realidade imediatamente dada e que, num segundo momento, possibilita as relações e explicações dos fenômenos da consciência.

Prosseguindo, é importante recordar a intenção última do autor com esta assertiva. A psicologia como ciência fundamental para ciências do espírito e, de certa forma, para toda a possibilidade de conhecimento, implica na compreensão como método geral deste sistema científico. Como Dilthey elucida em *Ideias*:

De assim como o desenvolvimento das ciências humanas particulares está ligado com a formação da psicologia, a articulação dessas ciências em um todo também não pode ser realizada sem a compreensão da conexão psíquica em que elas estão ligadas. Sem referências à conexão psíquica, na qual suas relações estão fundadas, as ciências humanas se mostram como um agregado, como um feixe, mas não como um sistema. (2011, p.35)

Esta máxima do filósofo foi o que provocou diversas reações no ambiente científico-filosófico, principalmente na mencionada controvérsia com os Neokantianos. O que deve ser ressaltado é que a compreensão estava diretamente ligada a uma proposta epistemológica científica a partir de uma estrutura psíquica na formação do conhecimento. Neste aspecto específico, dá-se a diferenciação da compreensão na terceira fase.

Dos anos de 1896 a 1900, ocorreu uma estagnação de suas elaborações teóricas. Dilthey voltou-se para o estudo de temáticas como personagens e aspectos culturais da filosofia alemã. Isso proporcionou um retorno à origem de sua motivação nas ciências do espírito e às suas influências em Schleiermacher:

De maior interesse imediato é o fato de Dilthey ter reavivado a sua preocupação juvenil com a hermenêutica de Schleiermacher e em 1900 ter publicado um resumo geral do seu próprio trabalho sobre a história da hermenêutica. Embora este ensaio, intitulado “Die Entstehung der Hermeneutik” (“A Ascensão da Hermenêutica”), tenha sido descrito como “pouco mais que uma retrospectiva histórica”, é importante porque fornece ao mesmo tempo um esboço para uma abordagem mais sistemática à hermenêutica (Makkreel, 1992, p.255; tradução nossa).

Neste terceiro período de Dilthey, a compreensão é desenvolvida mais com uma abordagem hermenêutica e menos sob uma perspectiva psicológica. Sabe-se que há grande debate acerca da posição final do autor sobre a psicologia como ciência fundante e até mesmo do termo *Geisteswissenschaften* (Ibid., p.44). Entretanto, o presente trabalho limita-se ao foco na segunda fase de sua vida. Assim, mesmo que o desenrolar do conceito na terceira etapa seja tido como uma virada na filosofia do autor, cabe a esta pesquisa apenas a menção do caminho em que Dilthey segue até o fim de sua vida.

O CONCEITO EM *IDEIAS*

A *compreensão* na obra *Ideias* exerce um papel que vai além de uma simples distinção metodológica da explicação. A estrutura argumentativa de Dilthey precisa ser

esclarecida diante do todo de sua proposta para que não se perca o ponto de partida e a motivação do referido escrito. O fato de que a dissertação do autor perpassa uma contextualização do desenvolvimento da ciência psicológica no século XIX pode proporcionar uma impressão de que seu objetivo é uma crítica a este proceder científico. Entretanto, o foco não está, propriamente, em apontar os fracassos científicos ou contradições nas teorias. Antes, tem como centro de sua preocupação, evidenciar a incompletude desse modelo diante da tarefa de abarcar uma totalidade da experiência humana suficiente para fundamentar o conhecimento nas ciências do espírito. Desta forma, a noção do conceito de compreensão não se detém em uma mera contraposição dualística metodológica, mas se apresenta como base para o desenvolvimento de um saber anterior ao das ciências particulares, ou seja, uma proposta concernente à teoria do conhecimento.

Já no primeiro capítulo da obra, sua posição em relação à teoria do conhecimento vigente é exposta. Mais especificamente, Dilthey analisa os critérios de cientificidade e as implicações do criticismo kantiano nas psicologias explicativas e aponta seu caráter de um potencial inatingido, conforme explorado no primeiro capítulo deste trabalho. Em seguida, defende uma relação irremediável entre psicologia e teoria do conhecimento, alegando a necessidade de uma complementação mútua em ambas as áreas. E, então, traz à tona seu ponto de debate central: a atitude de determinada escola de pensamento, de tradição kantiana, em tentar fundamentar o conhecimento no método transcendental, totalmente independente da psicologia.

Uma escola proeminente pela argúcia de seus representantes exige completa independência da teoria do conhecimento em relação a psicologia. Ela afirma que, na crítica da razão levada a termo por Kant, essa emancipação da teoria do conhecimento ante a psicologia é levada a termo em princípio por meio de um método particular. (Dilthey, 2011, p.36)

O referido método consiste no constructo da dedução transcendental de Kant. A síntese *a priori* do conhecimento se configura em uma natureza alternativa daquilo que é apreendido pela percepção interna intuitivamente. Ou seja, para Kant e seus discípulos, a formação do conhecimento não tem sua base em uma estrutura psicologicamente articulada. Seu objetivo explicativo encontra solo em uma ideia de experiência sintetizada e construída no processo de entendimento [*Verstand*] intelectual e puramente racional do sujeito.

Antes de seguir a argumentação de Dilthey, vale ressaltar que a alegação está nitidamente direcionada à tentativa da escola Neokantiana em retornar ao criticismo kantiano para fundamentação do conhecimento frente aos avanços positivistas. Possivelmente, pode-se assumir que o debate mais significativo do filósofo quanto ao problema metodológico estava circunscrito na década de 1890 nos diálogos com os Neokantianos da Escola de Baden. Especificamente, as questões levantadas por Windelband e Rickert representaram grande motivador para o aprofundamento das concepções diltheyanas para a psicologia descritiva e analítica, bem como para o amadurecimento da teoria na virada hermenêutica. Mesmo que os autores estivessem alinhados contra os enunciados positivistas, suas diferenças apontavam caminhos opostos e que resultaram em extensas implicações no século seguinte. O aspecto crucial de diferença consistia na forma como se tomava a experiência interna. Como já exposto, para Dilthey, a experiência interna continha uma inteligibilidade inicial suficientemente capaz de cumprir a função de derivar o conhecimento histórico-social a partir dela. Makkreel (1992, p. 54; tradução nossa) ressalta que suprimir isto “seria destruir a fonte de onde derivamos o significado da experiência histórico-social, bem como individual”. Em contrapartida, a tradição kantiana assume a impossibilidade do conhecimento a partir de percepções internas e transfere para a experiência externa, sob a lógica de investigação dos fenômenos da natureza, a função de explicar a dinâmica interna do indivíduo. A problemática se dá no fato de que, em 1894, ano da publicação de *Ideias*,

Windelband faz um discurso motivado por uma reação contra o positivismo e que, segundo Beiser, “foi a ocasião para um interessante intercurso entre Windelband e Dilthey” (2017, p.163). Apesar da crítica diltheyana se direcionar a este ambiente de debate, sua contestação conserva a assertiva propriamente de Kant como foco da problematização.

Prosseguindo, o ponto que mais destoa da concepção de Dilthey é a cisão imposta entre o pensamento e a intuição. O caráter seccionador da dedução transcendental se configura como a maior contradição da teoria kantiana. O filósofo chega a alegar que tal método não contém nenhuma ‘magia intrínseca’ ou ‘palavra mágica’ que consiga sustentar a separação entre o que é pensado e aquilo que é intuído no processo da formação do conhecimento. Dito de outra forma, o que Dilthey está apontando é que não há possibilidade de conceber o conhecimento fora do campo psicológico; afinal, é a partir de fatos da consciência que a teoria do conhecimento articula seu constructo. Sendo assim, tanto a intuição dos dados sensíveis quanto a síntese intelectual do pensamento acontecem circunscritas no mesmo processo psicológico, distinguindo-se apenas em níveis. Nas palavras do autor:

No entanto, naquilo ele denomina intuição, atuam concomitantemente por toda parte processos de pensamento ou atos que lhes são equivalentes. Assim, temos a diferenciação, a mensuração de graus, a equiparação, a ligação e a cisão. Por isto, estamos lidando aqui apenas com níveis diversos na atuação do mesmo processo. Os mesmos processos elementares de (associação, reprodução) comparação, diferenciação, mensuração dos graus, cisão e junção, de abstração de uma coisa e de destaque da outra, destaque esse sobre o qual se baseia, então, a abstração, atuam na formação de nossas percepções, de nossas imagens reproduzidas, das figuras geométricas, das representações das fantasias que, então, também vigoram em nosso pensamento discursivo. Esses processos formam a região ampla e imensuravelmente frutífera do pensamento silencioso. As categorias formais são abstraídas a partir de tais funções lógicas primárias. Por isto, Kant não teria experimentado a necessidade de deduzir essas categorias do pensamento discursivo. E todo pensamento discursivo pode ser apresentado como um nível mais elevado desses processos silenciosos de pensamento (Dilthey, 2011, p.37)

Diante desta perspectiva, o pressuposto kantiano que estabelece tais fatores em naturezas diferentes se mostra injustificado. Assim, também, para Dilthey, a cisão entre matéria e forma se enquadra no mesmo problema. No entanto, o autor acrescenta que, mais do que a mera separação, a relação interna implicada entre os dois elementos intensifica a dificuldade de sustentação da proposição. Por matéria, entende-se a multiplicidade das sensações que são conhecidas; por forma, a apreensão desta matéria. O argumento diltheyano se dirige à maneira como esta relação se dá na consciência e como é clara a indivisibilidade da sensação com a apreensão. Como ele ilustra em exemplos:

Possuímos ao mesmo tempo sons coetâneos diversos um do outro e nós os unificamos na consciência, sem que apreendamos o fato de eles estarem uns fora dos outros em uma justaposição. Em contrapartida, nunca podemos possuir uma pluralidade de sensações táteis ou visuais juntas senão em uma justaposição. Não podemos nem mesmo representar duas cores juntas ao mesmo tempo senão como se encontrando justapostas. Nessa necessidade de possuir em meio a uma justaposição não está em jogo, então, a natureza das impressões visuais e das sensações táteis? Portanto, não é extremamente provável que a forma de sua síntese seja condicionada aqui pela natureza da matéria sensorial? (Ibid., p.37-38).

A elucidação do filósofo reflete de maneira clara e concreta os obstáculos para se admitir a concepção kantiana. A excessiva abstração dos elementos componentes na

formação do conhecimento gerou diversas questões acerca de sua coerência com o todo dos processos. É como se a junção das partes isoladas não reconstituisse o todo da experiência em sua plenitude. Portanto, revela-se incompatível com a realidade a concepção desta cisão na própria relação entre os elementos envolvidos.

A seguinte consideração mostra o quanto a doutrina kantiana da matéria e da forma do conhecimento é carente de complementação. Uma multiplicidade de sensações como mera matéria introduz umas contra as outras em cada ponto de diferenças, por exemplo, relações e gradações de cores. Essas diferenças e esses graus só existem, porém, para uma consciência que se mantém coesa; por isto, a forma precisa estar presente para que a matéria possa estar presente, assim como, então, naturalmente, a matéria precisa estar presente, se for para a forma aparecer (Ibid.).

Dito isso, pode-se concluir que o objetivo da proposta diltheyana reside na contraposição de uma noção cindida do processo de conhecimento. A base para a fundamentação do saber encontra-se na conexão da totalidade da vida psíquica. Portanto, na visão do autor, a relação entre psicologia e teoria do conhecimento se expressa na necessidade de partir do solo psíquico para abarcar a formação do conhecimento. Um solo formado por nexos que são vivenciados e compreendidos sem qualquer mediação ou síntese.

A partir daqui, então, o problema da relação da teoria do conhecimento com a psicologia também pode ser resolvido. Na consciência viva e na descrição universalmente válida desse nexos está contida a base da teoria do conhecimento. Uma psicologia consumada, plenamente realizada não carece da teoria do conhecimento, mas toda psicologia plenamente realizada não é de qualquer modo outra coisa senão a consumação científica daquilo que também constitui o subsolo da teoria do conhecimento. Teoria do conhecimento, é psicologia em movimento, e, em verdade, se movendo em direção a uma meta determinada. (Ibid., p.40)

Consequentemente, de acordo com o autor, somente por meio de uma psicologia que se concentre na descrição e análise dos nexos vivenciados é possível estabelecer uma universalidade do conhecimento. Afinal, a psicologia descritiva e analítica de Dilthey representa exatamente a contraposição à psicologia construtiva. Enquanto esta última se restringe aos parâmetros de uma síntese *a priori* da experiência exterior para encontrar a uniformidade da subjetividade em leis de explicação causal, a ideia de psicologia diltheyana está voltada para a percepção interna. Esta, em vez de explicar elementos abstraídos da experiência exterior, concentra-se na apresentação do nexos psíquico que compõe a realidade efetiva da vida e se sustenta no método da compreensão para estabelecer a uniformidade da experiência humana.

[...] e só uma psicologia descritiva e analítica pode se aproximar da solução dessa; só em seu quadro compreensivo, a solução dessa tarefa é possível. Pois ela parte do nexos vivenciado, dado de maneira originária e com uma potência imediata; ela expõe também de modo não fragmentário aquilo que é inacessível ainda à análise. (Ibid., p.42)

Em suma, retomando o argumento inicial do trabalho, pode-se inferir que o conceito de compreensão em *Ideias* exerce um papel que não se restringe à mera distinção metodológica. Antes, implica no processo primordial para reformulação de uma noção epistemológica da ciência – a saber, as ciências do espírito -.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O argumento central da empreitada das ciências do espírito partia de um problema basilar e de cunho antropológico: o ‘sujeito cognoscente’, incompleto e irreal. Desta forma, nem a psicologia naturalista nem o conhecimento eram capazes de fornecer uma investigação adequada da realidade humana. Assim, deu-se a tarefa de uma psicologia que desse conta de um ser humano real e com vistas à elaboração de condições de possibilidades de conhecimento da totalidade da vida. Neste aspecto, então, posiciona-se a *compreensão* na medida em que pretende compreender a realidade do indivíduo em sua integralidade. E, também, a partir do pressuposto de uma interconexão comum da sociedade que fornece ao sistema das ciências espirituais a fundamentação do conhecimento na compreensão entre o geral e o particular.

Portanto, o trajeto percorrido por Dilthey em sua segunda fase não pode ser considerado como obsoleto frente os desdobramentos do período posterior. O enfoque em noções como vivência e compreensão, em distinção às representações e ao entendimento, exerceu o relevante papel no desenvolvimento da teoria. Embora Dilthey não tenha completado sua obra e suas ideias estejam expressas em textos fragmentados durante sua vida, a intenção norteadora confere às suas produções um caráter sistemático e consistente. Além disso, como visto, mesmo antes da virada hermenêutica, a centralidade do argumento de *Verstehen* tem o mesmo objetivo em toda sua carreira. É certo que o amadurecimento das ideias de Dilthey o levaram a passar de um viés psicológico para um enfoque maior na interpretação. Desta forma, entende-se que a mudança da perspectiva do autor condiz com um aprimoramento das ênfases que se lapidaram em sua teoria e não em uma ruptura e alternância de objetivo. Sabe-se que para sustentar esta afirmação de maneira mais completa seria necessária uma exposição e análise da terceira fase do autor. Todavia, isto pode ser encontrado em trabalhos como o de Makkreel (1992) *Philosopher of the Human Studies* e, até mesmo em produções nacionais, como de Amaral (1987) *Dilthey: um conceito de vida e uma pedagogia*. Para a presente pesquisa se delimitou apenas o aprofundamento do termo na segunda fase do autor. Assim, a virada hermenêutica e suas implicações no século XX fica reservada para futuras pesquisas.

Por fim, vale ressaltar que as reflexões diltheyanas permanecem atuais e pertinentes nos dias de hoje. Para assegurar tal afirmação, não é necessário mais do que observar o impacto de suas discussões na filosofia e em todo cenário acadêmico do mundo contemporâneo. Uma breve reflexão sobre o crescimento de perspectivas científicas, que buscam submeter o ser humano em um conglomerado de habilidades comportamentais e cognitivas, evidencia a necessidade de uma visão plena do ser. Em uma época em que a artificialidade da inteligência direciona os destinos do conhecimento da humanidade, a missão de compreender um ser real e completo aponta para verdadeira sabedoria.

REFERÊNCIAS

- AMARAL, Maria Nazaré de Camargo Pacheco. *Dilthey: um conceito de vida e uma pedagogia*. São Paulo: Perspectiva: Editora da Universidade de São Paulo, 1987.
- BEISER, F. *After Hegel: German Philosophy (1840-1900)*. Princeton: Princeton University Press, 2014.
- BEISER, F. C. *The German Historicist Tradition*. Oxford: University Press, 2011.
- BEISER, F. *Johann Friedrich Herbart Grandfather of Analytic Philosophy*. New York: Oxford University Press, 2022.
- BEISER, F. *Philosophy of Life German Lebensphilosophie 1870–1920*. Oxford: University Press, 2023.
- BEISER, F. *The Genesis of Neo-Kantism (1796-1880)*. OXFORD: OUP, 2014.
- DILTHEY, Wilhelm. *Filosofia e educação: textos selecionados*. Organização e introdução Maria Nazaré de Camargo Pacheco Amaral. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo,

2010a.

- DILTHEY, Wilhelm. *Ideas concerning a descriptive and analytic psychology*. Translated by R. M. Zaner, & K. L. Heiges (Eds.), *Descriptive psychology and historical understanding*. The Hague: Nijhoff, 1977.
- DILTHEY, Wilhelm. *Ideias acerca de uma psicologia descritiva e analítica*. Trad. Artur Morão. Covilhã: LusoSofia Press, 2008.
- DILTHEY, Wilhelm. *Ideias de uma psicologia descritiva e analítica*. Rio de Janeiro: Via Verita, 2011.
- DILTHEY, Wilhelm. *Introdução às ciências humanas: tentativa de uma fundamentação para o estudo da sociedade e da história*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010b.
- DILTHEY, Wilhelm. *Introduccion a las ciencias del espíritu: En la que se trata de fundamentar el estudio de la sociedad y déla historia*. México: Fondo de Cultura Económica, 1978.
- DILTHEY, Wilhelm. *Introduction to the Human Sciences*. Translated by Rudolf A. Makkreel and Frithjof Rodi. Princeton, N.J.: Princeton University Press, 1989.
- KANT, Immanuel. *Crítica da razão pura - Petrópolis, RJ: Vozes, 2015.*
- KANT, Immanuel. *Princípios metafísicos da ciência da natureza*. Lisboa - Portugal. EDIÇÕES 70 – 2019
- MAKKREEL, R. A.; RODI, F. *Introduction*. In: DILTHEY, W. (Selected Works, v. I) *Introduction to the Human Sciences* New Jersey: Princeton University Press, 1989.
- MAKKREEL, R. *Dilthey: Philosopher of the Human Studies*. New Jersey: Princeton University Press, 1992.
- MAKKREEL, R. *Vico and Some Kantian Reflections on Historical Judgment*. Boston: Man and World 13. – p.99-120, 1980.
- MAKKREEL, R. *Wilhelm Dilthey*. *The Stanford Encyclopedia of Philosophy* (Spring 2021 Edition), Edward N. Zalta (ed.), 2021.
- PORTA, Mario A. G. *A Filosofia a partir dos seus problemas*. São Paulo: Editora Loyola, 2014.
- PORTA, Mario A. G. *Natur und Geist: a escola de Baden como teoria complementar do positivismo*. Pensando – Revista de Filosofia Vol. 9, Nº 17, 2018.
- PORTA, Mario A. G. *O pensamento de Immanuel*. Brasília: DF. Academia Monergista, 2023.
- PORTA, Mario A. G. *Psicologia e Filosofia: Estudos sobre a querela em torno ao psicologismo (Psychologismusstreit)*. São Paulo: Editora Loyola, 2020.
- REIS, José Carlos. *Wilhelm Dilthey e a autonomia das ciências histórico-sociais*. Londrina: Edel, 2003.
- RODI, Frithjof. *Dilthey's concept of 'structure' within the context of nineteenth-century science and philosophy*. In Rudolf Makkreel John Scanlon (ed.), *Dilthey and Phenomenology*. pp. 107—124, 1987.

NOTAS

- 1 Vale ressaltar que o presente artigo foi desenvolvido originalmente como parte da dissertação de mestrado intitulada *As implicações do termo Verstehen na Psicologia Descritiva e Analítica de Wilhelm Dilthey*. O trabalho foi desenvolvido e defendido na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.
- 2 Deve ser feito a ressalva da presença de trabalhos como o, da autora Maria Nazaré de Camargo Pacheco Amaral, que foi orientada diretamente por Otto F. Bollnow [um dos discípulos diretos de Dilthey], *Dilthey: um conceito de vida, 1987*. Além de mencionar a existência de diversas produções por outros autores que também serviram de grande contribuição para a propagação da obra de Dilthey no cenário nacional.
- 3 A obra será referida durante o trabalho como *Einleitung*.
- 4 A obra será referida durante o trabalho como *Ideias*.
- 5 Apesar de não haver uma divisão precisa de datas, Makkreel divide o pensamento de Dilthey em três fases de acordo com as ênfases que são tratadas em suas obras.

De maneira sucinta, a primeira tem como centro a fundamentação das Ciências do Espírito com enfoque na investigação das experiências internas. A segunda fase se caracteriza por um refinamento de seus pressupostos e os conceitos de *vivência* e *compreensão* ocupam o cerne de suas discussões. Por fim, a terceira fase se direciona a virada hermenêutica em que a ideia de uma interpretação se torna necessária para o cumprimento da compreensão (2021).

6 Como pode ser visto na obra *A essência da filosofia, 1907*.

7 Esta consideração pode ser vista em autores como Beiser (2017), Makkreel (1992) e Porta (2020).

8 Sabe-se que a polêmica entre Dilthey e a Escola de Baden se estendeu a desdobramentos da escola neokantiana na primeira metade do século XX, quanto a divisão de saberes entre natureza e espírito (PORTA, 2018). Como, também, à teóricos como Husserl, Heidegger, Freud, Paul Ricoeur e demais autores.

9 Ponto que é defendido, por exemplo, pelo pesquisador Freitas (2021) que sustenta o argumento de Feest (2007).

10 “O resultado líquido de toda esta controvérsia é que o conceito de compreensão foi distorcido de forma irreconhecível.” (Beiser, 2011; tradução nossa).